

[Digite texto]

## QUEM É OSVALDO DE ALMEIDA?

Claudia Lima\*

O registro do vocábulo “frevo”, em 9 de fevereiro de 1907, no Jornal Pequeno, não dá a ele a autenticidade de uma certidão de nascimento. Isso, considerando que o frevo possa ter certidão, pois, nascido como marcha carnavalesca, o frevo já fazia parte do carnaval de rua do Recife, desde o final do século XIX.

Admitamos, porém, que a construção da história pelo prisma da classe dominante requer o aprisionamento de parte dos movimentos populares, para proveito próprio. Para tanto, utilizando-se da estrutura independente e coesa do movimento popular que efervescia nas ruas do Recife, no século XIX, a burguesia atual, chama para si as tradições que culminaram com o nosso ritmo pernambucano denominado frevo.

A importância desta expressão simbólica de rebeldia popular, é reelaborada na contemporaneidade por um perfil romanceado, que chega a ser confundido com o lirismo dos frevos-de-bloco e suas agremiações, que só surgiram a partir de 1920, do século XX, com o retorno da classe média às ruas do Recife. A confusão instalou-se de forma tal, que chegou-se a se comemorar em 1º de novembro de 2006, no Pátio de São Pedro, o “Centenário do frevo-de-bloco”, quando na realidade esta data apenas remete a instituição, por força da Lei nº 17.026, decretada no ano de 2004, do dia 1º Novembro como o dia do Frevo-de-bloco. Neste contexto, questiona-se, qual é o dia do “Frevo-de-rua”?

Considerando o conceito de Hobsbawn, a “invenção de tradições” é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. No processo de reconhecimento do “centenário do frevo”, a procedência da criação, foi deliberada pelo aspecto evolutivo de um ciclo que se

inicia nas camadas populares pernambucanas mas, sem o reconhecimento final desses atores.

Nestas comemorações do “centenário do frevo”, observa-se uma manobra de apropriação de velhos costumes para novos fins. Adaptadas a nova roupagem para a serventia da classe dominante, o frevo refaz um novo caminho, reinventando-se transformações, atendendo as demandas das ofertas atuais.

Os Clubes de Frevo, herdeiros das transformações dos Clubes Pedestres, bem como as Troças Carnavalescas, sucessores legítimos, do ciclo de evolução do nosso frevo, foram relegados a pequenos grupos sub-culturais, ocupando posições minúsculas. Suas velhas tradições, se quer tiveram o destaque merecido, a não ser por um remanejamento das suas tão desprestigiadas apresentações, transferidas da Av. Dantas Barreto para a Av. Nossa Senhora do Carmo. Pode-se argumentar que a área faz parte do Pólo Afro, mas, também podemos dizer que faz parte do “gueto do carnaval afro-pernambucano”, que a não ser pela “Noite dos Tambores Silenciosos”, continuam na invisibilidade do que realmente tem destaque no cenário nacional e internacional do carnaval pernambucano.

Os Blocos Carnavalescos que continuam a representar a classe média recifense, adquiriu, uma tão expressiva notoriedade, que ocupam a parte nobre e histórica do Recife, tendo como palco das suas apresentações, o melhor corredor da cidade, e com o agravante de que para muitos, são eles os representantes oficiais do frevo pernambucano.

O historiador tem que estar atento as referências que não correspondem ao que foi realmente conservado na memória popular ou nos registros impressos. Muitas vezes seleciona-se escritos e institucionaliza-se uma verdade.

Segundo Valdemar Valente, o que correspondia ao conceito do movimento popular denominado frevo, impresso no imaginário da elite dominante, do início do século XX, era o seguinte:

“Passo é dança com que se dança o frevo. O capoeira foi o ancestral do passo. Em Pernambuco do tempo em que o frevo nasceu, dominava o capoeira, que sempre gostou muito de acompanhar banda de música, gingando na frente dela, com um cacete na mão. O ‘passista’ de hoje é descendente direto dos cafajestes, mas não querendo fazer outra coisa senão o passo. Este já se fazia, também nas caudas do clube (...)”.

Escritores como Hermógenes Viana, registram que o vocábulo frevo fazia parte da fala das ruas do Recife, do início do século:

“(…) Os ensaios do Clube Cara Dura (...) Formado por oficiais do Exército, dos batalhões 14 e 40, o Cara Dura era a coqueluche das noites de sábado que antecediam ao carnaval. Segundo o nosso informante, ao burburinho formado pela turba que o seguiam dava-se a denominação de ‘**fervedouro**’”.

Também de acordo com a socióloga e antropóloga Rita de Cássia de Araújo, a agitação, efervescência e grande reboição das multidões nas ruas, a pular e a saltar ao som das vibrantes marchas carnavalescas, invocavam a imagem da “**fervura**”. Ferver e fervura estavam associados à chaleira, sendo elementos presentes e corriqueiros na vida da população, especialmente das camadas mais pobres que tinham contato direto com a cozinha. Termos como chaleira e seus derivados *chaleirar*, *chaleirismo* e *chaleirador*, provavelmente, existiam há muito no vocabulário popular.

“Nos primeiros anos do século XX, especificamente a partir de 1904, o termo chaleira ganhou expressivo vulto (...) Em abril, dando continuidade a uma série de caricaturas políticas, o mesmo jornal (*Jornal Pequeno*), publicou a litografia de um mascarado vestido de chaleira, com os dizeres: Ando **a ferver** à procura do Sigismundo... Não o encontro. O homem se esconde de mim... Não era assim o Ferreira (...) A 23 de abril, nova gravura intitulada ‘Chaleira Escura’ (...) Na parte inferior, vinha escrito: Escura ou branca... a chaleira **ferve** do mesmo modo.”

Chaleira, chaleirismo e chaleirar, ferver, fervura e frevar era uma tendência cultural daquela época, eram expressões das massas, das grandes aglomerações humanas, da multidão que habitava a cidade do Recife do final do século XIX e princípio do século XX. Os membros da elite e dos grupos letrados tinham a percepção de algo novo que crescia rapidamente e descontroladamente. Como protagonistas desta massa o povo comum, o trabalhador assalariado pobre e a massa dos marginalizados.

O clima era de agitação e efervescência na cidade. Muitas greves, algumas às vésperas do carnaval. Arruaças e confusões entre bandas de música, partidos de capoeiras, clubes carnavalescos, polícias civil e militar. Osvaldo de Almeida capta naqueles acontecimentos a palavra que melhor representava a situação histórica e particular da vida social do Recife. O povo estava nas ruas fazendo protestos, reivindicando direitos e mostrando sua força também nos dias de carnaval.

O reconhecimento social deste fato histórico teve seu registro assegurado com a profusa divulgação da palavra “frevo”, que teve como seu principal articulador Osvaldo de Almeida, com o início da sua “Coluna Carnaval”, no *Jornal Pequeno*, em 31 de janeiro de 1908.

Em sua coluna do dia 12 de fevereiro de 1908, publica:

"Entreí hontem no **frevo**, fui na ondia com o pessoal – espanadifero – que trastejou bonito pelas escuras e mal calçadas ruas da nossa Veneza americana. Fiz parte do cordão e quando a fanfarra rompeu a marcha fogaosa com todas as variações do trombone e repinicaos de caixa, entreí feioso no passo do *calungogê* que foi um successo. (...) De volta do passeio, todo esbodegado, esbaforido, suarento e sentindo ainda o gostinho da bicada, ao virar a esquina da “Lafayette” dei de cara com um bicho. – Olha o bicho... – Arreda negrada, lá vae um urso... Fiz um passo de quem vae e já volta (...) Foi um **freuvo** medonho (...)"

O historiador e folclorista Evandro Rabelo, publicou uma matéria no *Diário de Pernambuco*, de 11 de fevereiro de 1990, no Caderno Viver, com o título “*Oswaldo Almeida – O mulato boêmio que não criou a palavra frevo*”.

Rabelo sugere, em sua matéria, a falta de capacidade e credibilidade de Oswaldo de Almeida, quando da sua entrevista ao *Diário de Pernambuco*, em 1944, ao declarar textualmente: “*Nota-se que não saiu da cachola de Oswaldo de Almeida, que não foi o ‘mulato boêmio’ o inventor da consagrada palavra frevo e nem seu primeiro divulgador*”.

Nesta mesma publicação Rabelo, mesmo reconhecendo a ativa participação de Oswaldo de Almeida na vida do Recife, não confere a ele, o seu principal papel, para além de um importante divulgador da palavra frevo, um personagem que fez parte do cenário da época, não apenas registrando, mas vivenciando o fato histórico. Textualmente Rabelo ratifica que: “*Deve-se ao Clube Empalhadores do Feitosa, a glória maior, até prova em contrário*”.

Rabelo quer fazer crer, que uma pequenina nota, no *Jornal Pequeno*, em 09 de fevereiro de 1907, em uma estreita seção, na qual, figura, quase no seu rodapé, a palavra frevo, tem em seu conteúdo, elementos suficientes para autenticar e personificar um movimento popular, que até então, não detinha a denominação de “frevo”. Nela não contém nenhuma descrição que remeta a efervescência da expressão, não oferece nenhum detalhe relevante que converta tal nota em documento cabal. Trata apenas de registrar a execução de uma marcha, sem referência de autoria, entre outras tantas “Arias e Tangos”, que faziam parte do repertório, de um baile a ser realizado pelo “Clube Carnavalesco Pedestre Empalhadores do Feitosa”, onde, naquela oportunidade, o jornal (*Jornal Pequeno*) agradece o convite enviado a sua redação:

“Empalhadores do Feitoza, em sua sede que se acha com uma ornamentação bellíssima, fez hontem este apreciado club o seu ensaio geral, sahindo após em uma bonita passeata, a fim de buscar o seu estandarte que se achava em casa do sr. Alfredo Bezerra, sócio honorario do referido club.

O seu repertorio é o seguinte:

**Marchas.** – Priminha, Empalhadores, Delicias, Amorosa, **O Frêvo**, O Sol, Dois pensamentos e Luis do Monte, José de Lyra, Imprensa, Honorarios.

**Aria.** – José da Luz; **Tango.** – Pimentão.

Agradecemos o convite que nos foi endereçado para o baile no 2º dia de carnaval.”

Oswaldo de Almeida, que nasceu em 1882 e, segundo Luis da Câmara Cascudo, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, morre em 1953, é tratado por este renomado pesquisador com o devido reconhecimento de autor da nominação do frevo: *“Oswaldo de Almeida, (1882-1953) deu em 1907 ao conjunto coreográfico do Passo em efervescência da exibição o nome de Frevo, consagrado pela aceitação do uso popular no Recife”.*

O jornalista, músico, compositor, escritor teatral, Oswaldo de Almeida, foi um grande destaque da crônica carnavalesca recifense, formulando a partir de 1908, no *Jornal Pequeno*, textos bem humorados, nos quais, registra a forma espontânea dos termos em uso na época pela gente das camadas populares. Em sua Coluna Carnaval, do dia 10 de fevereiro deste mesmo ano de 1908, Almeida, dentre vários outros registros, refere-se ao ensaio do Clube Chaleiras de São José, com sua forma peculiar de escrever, com riqueza de detalhes, captando as expressões em uso da época:

“Faz ensaio de manobras, hoje, á Rua da Concordia n.108, executando a marcha “Florençia Santos”, composição do professor Tartaruga. As chaleiras na maior **effervescencia**, vão afinando o bico.”

Não obstante o esforço de descredenciar Oswaldo de Almeida como o primeiro divulgador da expressão frevo, Rabelo indica ser o mesmo, concomitantemente, colaborador

dos vespertinos recifenses, *Jornal Pequeno* e *Jornal do Recife*. Este fato seria, no mínimo contraditório, visto que, o *Jornal Pequeno*, fundado em 1898, não era representante oficial de nenhum partido político, sendo distinguido dos demais por dedicar, na época, um espaço mais amplo e aberto às questões rotineiras da vida na cidade, os costumes populares, a atuação da polícia em relação aos segmentos populares, a administração dos bens públicos e aos serviços urbanos. Em especial, publicava uma seção diária voltada aos preparativos e os festejos do carnaval. Assim, o *Jornal Pequeno* poderia ser classificado como opositor do *Jornal do Recife*, órgão do Partido Republicano, de propriedade do então governador Sigismundo Gonçalves Ferreira, sendo, neste sentido, um jornal sujeito ao crivo tendencioso dos interesses da elite dominante.

Na entrevista concedida ao *Diário de Pernambuco*, em 1944, Osvaldo de Almeida, como testemunha viva da história da cidade do Recife, conta que os jornais, daquela época, nada falavam de positivo sobre o carnaval de rua do Recife. A polícia era rigorosa demais com os simpatizantes das agremiações e o cenário registrava tais fatos:

“Neste ano de 1907, houve uma briga danada entre Lenhadores e Clube das Pás, no Pátio da Santa Cruz, terminando em sangrento conflito com intervenção da cavalaria. Soldados armados com mosquetões, espadas e lanças investem contra o povo, gerando confusão e medo (...) sai Osvaldo a procura das autoridades policiais, depois de constatar ter havido ‘um fuzilamento em massa’”.

Neste “centenário do frevo” quem está homenageando Osvaldo de Almeida? O “mulato boêmio” ou, melhor dizendo, o afrodescendente que usava o codinome *Pierrot* em sua coluna carnavalesca, viveu naquele tempo, foi contemporâneo do nascedouro do frevo e registrou os fatos históricos. Representante da massa popular, se não pode ser nomeado como criador do vocábulo frevo, com certeza podemos afirmar que é o padrinho do primeiro registro, no qual, descreve com riqueza de emoções, o verdadeiro significado que contém a expressão “frevo”.

De um folião para outro... Vamos considerar o ano de 2007 como a abertura das comemorações centenárias do frevo e reconhecer os méritos de Osvaldo de Almeida.

Vamos botar pra ferver!!! 2008, ANO DO VERDADEIRO CENTENÁRIO DO FREVO!

---

\*Claudia Lima: é graduada em Comunicação Social, com Especialização em História do Brasil Mestrado em Gestão de Políticas Públicas pela Fundação Joaquim Nabuco, é também etnógrafa, folclorista, africanista, escritora e pesquisadora. Pernambucana, nascida no Recife em 26 de outubro de 1957, tem como hobby a fotografia e a modelagem em argila. Recebeu em 1997, da Prefeitura da Cidade do Recife, o título de "História Viva do Recife", pela contribuição literária ao resgatar aspectos do folclore pernambucano. Em 2006, Claudia Lima completa 10 anos da sua primeira publicação com a revista "História do Carnaval", e o livro paradigmático "Um sonho de folião". As revistas do carnaval se seguiram até o ano de 2001. Em 1997, publicou também as revistas "História Junina" e "História do Folclore". Em 1999, lançou o livro "Tachos e Panelas: historiografia da alimentação brasileira", comparado as grandes obras de estudos alimentares e da comensalidade de Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo. No ano de 2001, congregou as pesquisas sobre o carnaval no livro "Evoé: história do carnaval - da mitologia ao trio elétrico". No ano do décimo aniversário de sua primeira publicação, Claudia Lima reúne todas as suas pesquisas, artigos, estudos e ensaios em sua home-page: [www.claudialima.com.br](http://www.claudialima.com.br), na qual busca interagir com o leitor e oferecer também 6 músicas e letras de carnaval, um vocabulário carnavalesco, fotos e vídeos, além de textos em português e inglês.

